



Ecumenismo: perspectiva eclesiológica. Das grandes rupturas ao debate ecumênico atual

Ecumenism: ecclesiological perspective; from major disruptions to the current ecumenical debate

Antonio Carlos Ribeiro*

Resumo

O rompimento da Igreja Católica com a Igreja Ortodoxa em 1054 gerou sofrimento, mas o maior impacto foi a unicidade rompida pela Reforma Protestante, da qual surgiram as Igrejas Luterana, Reformada, Anglicana e as oriundas dos anabatistas no século XVI. O movimento ecumênico atual surgiu na Conferência Mundial de Missão 1910, que reuniu 1200 delegados para debater fé e comunhão. A celebração do centenário pôs o ecumenismo, o diálogo, a diferença, a expressão e a comunhão na agenda. O século XX viu surgir o Conselho Mundial de Igrejas, o Concílio Vaticano II, a chegada dos Pentecostais à América Latina, os movimentos populares e as Teologias da Libertação. O sofrimento das populações latino-americanas, sua experiência de fé e sua caminhada histórica desenvolveram a confiança como resposta ao desafio da convivência. O Ensaio conclui com o documento Chamado Comum e a visão do teólogo luterano Walter Altmann, moderador do Conselho Mundial de Igrejas.

Palavras-chaves: ruptura; ecumenismo; missão; Edimburgo; América Latina.

Abstract

Disruption of the Catholic Church and the Orthodox Church in 1054 caused suffering, but the biggest impact was the unity broken by the Protestant Reformation, from which came the Lutheran, Reformed and Anglican churches and the resulting of the Anabaptists in the sixteenth century. The current ecumenical movement emerged in World Mission Conference 1910, which gathering 1200 delegates to discuss faith and fellowship. The centennial celebration put ecumenism, dialogue, difference, expression and communion on the agenda. The twentieth century saw the World Council of Churches, Vatican II, the arrival of Pentecostals in Latin America, popular movements and Theologies of liberation. The plight of Latin American populations, their experience of faith and historic journey have developed the confidence as answer to the challenge of coexistence. The Essay concludes with a document A Common Call and the Vision of Lutheran theologian Walter Altmann, moderator of the World Council of Churches.

Keywords: disruption; ecumenism; mission; Edinburgh; Latin America.

Artigo recebido em 20 de Janeiro de 2011 e aprovado para publicação em 17 de Março de 2011.

*Doutor em Teologia (PUC-Rio), Professor de Teologia (Uniabeu) e Filosofia (Fabes), participou na Conference Edinburgh 2010 (Edimburgo, Escócia). País de origem: Brasil E-mail: antoniocarlosrib@hotmail.com

1 Introdução

Se a proclamação do Evangelho do Reino fosse possível sem referência às situações humanas concretas dos países em que vivemos, então é evidente que nosso problema seria fácil de resolver! Mas o Evangelho acontece no encontro entre a Palavra de Deus e os seres humanos que vivem em situações específicas. Estamos basicamente convencidos de que o Reino de Deus é a categoria bíblica central que dá conteúdo e direção à nossa vocação missionária. Nosso objetivo é o Reino. A Igreja é chamada para servir ao Reino, para ser um instrumento privilegiado desse Reino; é chamada, na realidade, a existir por causa do Reino. Emílio Castro¹

Os cristãos têm muita dificuldade em ficar juntos, trabalhar juntos e celebrar juntos na modernidade. Isso resulta das lutas, experiências e avanços históricos de suas Igrejas, mantendo, em uns, a firme noção de cristandade e gerando, em outros, a identificação com a modernidade, de um lado. De outro, estão grupos humanos que integram uma Igreja, mas antes disso são pessoas. Essa *descoberta* foi fundamental para uma experiência como a do Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos (Cebi), em cuja fundação havia três católicos e um protestante. Mais importante que isso, a centralidade é o estudo bíblico, uma fonte mais significativa que qualquer dessas tradições isoladamente.

A hermenêutica da confiança, apresentada pelo teólogo reformado Rudolf Von Sinner, fala da possibilidade de compreensão e interpretação, agora ligada ao texto bíblico, uma base comum às tradições cristãs. A leitura conjunta possibilita que homens e mulheres entrem num círculo hermenêutico com o texto bíblico e se interpretem mutuamente. Para explicar, ele conta a experiência de Hans-Ruedi Weber.

Uma mulher de um vilarejo costumava sempre carregar sua Bíblia. “Por que sempre a Bíblia?”, perguntavam seus vizinhos implicando com ela. “Existem tantos outros livros que você poderia ler”, diziam. A mulher ajoelhou-se, segurou a Bíblia sobre a cabeça e disse: “Sim, é claro que existem muitos livros que eu poderia ler. Mas existe somente um livro que me lê”.²

¹ CASTRO, Emílio. **Servos livres: missão e unidade na perspectiva do Reino**. Trad. Maria Celina Hahn. Rio de Janeiro: Cedi, 1986, p. 37-8. Emílio Castro foi o quarto secretário-geral do Conselho Mundial de Igrejas (CMI), servindo de 1985 a 1992. Metodista uruguaio, estudou com Karl Barth em Basileia, Suíça, e obteve seu doutorado pela Universidade de Lausanne. Ele atuou como pastor em paróquia e em escritórios de agências internacionais ecumênicas em vários países latino-americanos, antes de ser diretor da Comissão Mundial sobre Missão e Evangelização, em 1973.

² WEBER, Hans-Ruedi. **Bíblia, o livro que me lê: manual para estudos bíblicos**. São Leopoldo: Sinodal, Cebi, 1998.

A experiência latino-americana, talvez por causa do sofrimento de populações que estiveram por séculos submetidas a intensa exploração econômica, ajudou a perceber a fé baseada na palavra de Deus. E a resposta humana é justamente a confiança. Essa é a chave para inserir homens, mulheres e jovens na comunhão com Deus, que ultrapassa fronteiras religiosas, sociais, políticas e de gênero. Esses grupos a descobriram como base para criar convivência entre iguais e assim superar desigualdades. E é a própria Bíblia que nos chama a uma ética da confiança mútua, fazendo-nos entender que assim como podemos ler a Bíblia, e deixar que ela nos leia, podemos ler as pessoas com quem convivemos e deixá-las ler por elas. Quando aprendemos a ver a dignidade nas pessoas, nas quais identificamos a imagem e a semelhança de Deus, descobrimos a confiança que aposta e acredita na caminhada conjunta e a ela se dispõe. Na América Latina, a partilha do sofrimento e a leitura orante da Palavra abriram novos caminhos.

2 Das grandes divisões até o século XX

A missão de anúncio da salvação foi dada por Cristo à sua Igreja, a comunidade da fé. Com os conflitos surgidos entre as Igrejas, quase sempre pela disputa em torno da autenticidade e por séculos de afirmação teológica ligada ao binômio unicidade-monoteísmo, foram surgindo instituições e sendo empoderadas como única afirmação desse anúncio. A simples associação das Igrejas-instituições à unicidade do Cristo criou um tal ambiente de disputa que mais negou do que afirmou a fé.³ Agregue-se a isso uma disputa belicista pela associação a reinados e impérios, que tomou de empréstimo o monoteísmo como ênfase teológica, ficando as Igrejas presas a um discurso, cada vez mais autoafirmativo e inócuo.

Essa necessidade de perpetuação histórica, associada aos centros de poder e às grandes afirmações da civilização ocidental, à qual se emprestou o nome de cristã, exigiu rupturas. A primeira foi chamada de Grande Cisma do Oriente, que separou definitivamente

³ Ao olhar para o passado em perspectiva histórica, podemos ver as tradições religiosas como “fragmentos inacabados e contingentes, em permanente caminho de aperfeiçoamento e abertura”. Ao mesmo tempo, elas compartilham a experiência de uma interdependência que evita o risco de insulamento e autossuficiência, compondo a beleza de uma sinfonia que sempre se dilata (DUCQUOC, Christian. **L’unique Christ**. La symphonie differée. Paris: Cerf, 2002, p. 122, 129, 239-40).

a Igreja Latina da Igreja Ortodoxa. Depois de disputas teológico-pastorais que remontam à divisão do Império Romano em oriental e ocidental, e à transferência da capital da cidade de Roma para Constantinopla (séc. IV), o cisma se avolumou por seis séculos, até a ruptura.

Uma diferença crescente de pontos de vista entre a Igreja Latina e o Patriarcado Ortodoxo acompanhou a ocupação do oeste pelos otomanos, enquanto o leste permaneceu herdeiro do mundo clássico. Isto se exacerbou quando os papas latinos passaram a apoiar o Sacro Império Romano no oeste, em detrimento do Império Bizantino no leste. As tensões políticas fizeram recrudescer as disputas doutrinárias e os acordos sobre a natureza da autoridade papal. Em 1054, Roma enviou o Cardeal Humberto a Constantinopla levando a excomunhão do patriarca Cerulário. O ato foi entendido como a excomunhão de toda a Igreja Bizantina, razão pela qual o Sínodo respondeu do mesmo modo, excomungando o papa Leão IX. A partir de então, essas Igrejas passaram a se anatematizar publicamente.

Quase cinco séculos depois, uma situação similar voltou a ocorrer, dessa vez em plena Europa Central, núcleo do mundo ocidental. Martim Lutero, um monge de 33 anos da Ordem dos Agostinhos de Erfurt, fixou suas 95 teses na porta da igreja do Palácio de Wittenberg, em 31 de outubro de 1517. O documento foi lido pelo alto clero e pela nobreza, que assistiram às missas de Todos os Santos, em 1º de novembro, e de Finados, no dia 2. Fruto do debate com estudantes de Bíblia sobre a Carta aos Romanos, as teses provocaram impacto.

O surgimento da impressão – com os tipos móveis de Gutenberg – contribuiu para a divulgação do documento com a denúncia de que as indulgências, obras de caridade pelas quais as pessoas conquistavam a salvação, não tinham apoio nas Escrituras. Lutero enunciou: “O verdadeiro tesouro da Igreja é o sacrossanto Evangelho da glória e da graça de Deus” (tese 62). Isso fez com que as teses suscitasse adesões em toda parte onde eram lidas.

O século XVI tornou-se o divisor de águas para essa compreensão religiosa que tem grande influência até nas ciências e na filosofia no mundo ocidental, começando com uma Igreja, a Católica Romana, e terminando com outras, como a Luterana (1517), os anabatistas – que sobreviveram à Guerra dos Camponeses e dos quais vieram

os hutterites, os menonitas, os amishes, os quakers, os batistas e os dunkers – a Reformada, com a ida de Calvino para Genebra (1533), e a Anglicana (1534)⁴.

Os protestantes expressam suas posições doutrinárias por meio de *Confissões de Fé* e breves documentos apologéticos. A *Confessio Augustana*, lida diante do imperador Carlos V na Dieta de Augsburg (1530),⁵ expressa a doutrina luterana. As confissões reformadas incluem a segunda *Confissão Helvética* (1531), a *Confissão Escocesa* (1560), os 39 *Artigos de Religião da Igreja da Inglaterra* (1562) e a *Confissão de Fé de Westminster* (1647). Isso significa que protestantes, reformados, pietistas e anglicanos tinham clareza das convicções de fé, por isso decidiram afirmá-las publicamente.

Com a consistência teológica e o apoio adquirido pelos líderes junto a seus povos, o movimento reformador começou a espalhar-se nos Países Baixos. Depois chegou à Dinamarca, com as ideias de Lutero difundidas na Dieta de Copenhague. O rei Cristiano III aboliu a autoridade dos bispos católicos, confiscou bens das igrejas e mosteiros e atribuiu a Johannes Bugenhagen a responsabilidade de organizar uma Igreja Luterana nacional. Em seguida, a Reforma chegou à Noruega (1537) e à Islândia (1541).

Na Suécia, o movimento reformista teve o apoio do rei Gustavo I, que rompeu com Roma na Dieta de Vasteras, em 1525. Na Finlândia, as Igrejas faziam parte da Igreja Sueca até o início do século XIX, quando foi formada a Igreja Evangélica Luterana da Finlândia. A adesão dos países nórdicos ao luteranismo fez Roma sentir o forte impacto da Reforma porque esses fatos não se deram em terras distantes, mas em pleno coração da Europa ocidental – e simultaneamente com o Renascimento, a modernidade, a nova configuração geopolítica –, e porque mostravam consistência e perenidade.

A aceitação do movimento reformador em diversos territórios, apoiado por religiosos e governantes europeus, provocou uma revolução religiosa, que se iniciou na Alemanha e se estendeu pela Suíça, França, Países Baixos, Escandinávia e algumas partes do Leste europeu, principalmente os Países Bálticos e a Hungria. A isso se somava a comunhão anglicana no Reino Unido. Em reação ao movimento reformador, a Igreja Católica promoveu o Concílio de Trento (1555), especialmente concentrado em fortalecer os fiéis católicos alemães. Essa situação agudizou-se ainda com a decisão religiosa da

⁴ MONTEIRO, R. B. As reformas religiosas na Europa moderna. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/vh/v23n37/v23n37a08.pdf>. Acesso: 07.09.2010.

⁵ 1530: Confissão de Augsburg. <http://www.dw-world.de/dw/article/0,,582816,00.html> Acesso: 07.09.2010.

proposta da Paz de Augsburgo (*cujus regio, ejus religio* = a religião do rei será a dos súditos) e chegou ao extremo com a Noite de São Bartolomeu (1572), na França.

Com os efeitos se consolidando nos séculos seguintes, como a dificuldade de reconquista do papel hegemônico – levando às formulações medievais e à manutenção de uma postura pré-moderna – ao mesmo tempo em que o mundo experimentava mudanças, com o ultramontanismo⁶ sob questionamento, ocorreram afirmações de independência ou de autonomia religiosa de reinos. Tais movimentos repercutiram no surgimento de estados modernos independentes, enquanto o discurso autoafirmativo e com ênfase na ideia de sociedade perfeita começou a sofrer abalos, até que o surgimento do diálogo das Igrejas com o mundo moderno provocasse a transformação do distanciamento em isolamento.

Ao que parece, o protestantismo de missão, que “chega ao continente sul-americano e ao Brasil, em particular, como parte integrante do projeto expansionista norte-americano e sob o influxo da ideologia do ‘destino manifesto’”,⁷ vive uma expansão que não trará tensões apenas entre católicos e protestantes, mas vai provocar debates entre as demais correntes protestantes, que Bonino tenta elaborar ao dizer que

- a)** o protestantismo latino-americano necessita que as Igrejas étnicas mantenham e recriem constantemente a memória de sua terra, de sua língua, de sua ‘mentalidade’, de suas tradições teológicas;
- b)** o protestantismo latino-americano necessita que essa memória seja oferecida e recebida, não como um ‘pacote fechado’, mas como uma participação ativa que gera constantemente, em uns e outros, a identidade evangélica nesse espaço particular latino-americano no qual nos encontramos juntos;
- c)** o protestantismo latino-americano – de origem étnica e de origem missionária – necessita abrir-se, a partir dessa identidade, ao espaço e à história da sociedade latino-americana, onde o Espírito de Deus está sempre presente e ativo. E por entre tudo isso, o protestantismo latino-americano não pode se esquecer de que toda identidade é sempre criação, que Deus ama e preserva a ‘velha criatura’ que tem de morrer e ressuscitar ‘à imagem do Ressuscitado’.⁸

⁶ Ultramontanismo é a ideia de que o poder do papa se estende além dos mares. Já o imperador Pedro II era galicano, regalista e liberal.

⁷ BITTENCOURT FILHO, José. *Matriz religiosa brasileira: religiosidade e mudança social*. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Koinonia, 2003, p. 124.

⁸ BONINO, José Míguez. *Rostos do protestantismo latino-americano*. Trad. Luís Marcos Sander. São Leopoldo: Sinodal, EST, 2002, p. 96.

O outro grupo que passa a integrar a fé cristã no início do século XX, e não pode ser deixado de lado, é o que o teólogo uruguaio José Míguez Bonino chama de “o rosto pentecostal do protestantismo latino-americano”, lembrando sua contribuição específica.

Os pentecostais tinham algo a oferecer, algo que fez vibrar pessoas letargadas pela monotonia e desesperança de sua existência. Milhões responderam ao evangelho. Sua vida foi transformada, seu horizonte foi ampliado; sua vida cobrou um significado dinâmico. A realidade de Deus, Jesus Cristo e o Espírito Santo – que antes não passavam de termos sentimentais ligados ao ritual e ao folclore – cobraram novo significado, tornaram-se meios pelos quais se comunicavam luz, força e esperança ao espírito humano. Elas se transformaram em pessoas com um propósito para viver.⁹

Essa perspectiva faz eco às primeiras experiências pentecostais, com a marca da luta contra a discriminação racial, trazidas para a tradição protestante ecumênica brasileira, e só recentemente envolvidas na luta pela cidadania.

A raiz mais importante dos movimentos pentecostais e carismáticos foi um despertar, ocorrido numa Igreja de negros na *Azusa Street*, em Los Angeles, sob a direção de William J. Seymour (1870-1922), um ecumênico negro. Lá tudo foi muito entusiástico por certo tempo, em parte também com fenômenos corporais como choro, falar em línguas, danças, desmaios, visões e outros. [...] Pela primeira vez na história dos Estados Unidos, dirigentes eclesiásticos brancos (em parte do Sul racista) estavam dispostos a deixar que lhes fossem impostas as mãos numa comunidade dirigida por negros, para chegar a uma abertura espiritual. E isto em 1960! O movimento pentecostal é, ao que eu saiba, a única comunidade cristã do mundo que foi fundada por um cristão negro – com exceção naturalmente do próprio cristianismo que não foi fundado por um europeu, mas por um contador de histórias e curador oriental.¹⁰

Após o fim do século XVIII e já em inícios do século XIX, a Igreja da Escócia, britânica e reformada, convocou a Conferência Mundial de Missão (World Missionary Conference 1910), em Edimburgo. Cristãos de diferentes Igrejas e regiões do mundo foram interpelados: “como se pode fazer outros entenderem a reconciliação trazida por Cristo se os próprios batizados se ignoram ou lutam entre si?”. A pergunta suscitou uma proposta que enfatizava um compromisso missionário da Igreja que caminhasse passo a passo com o

⁹ Latin America and revolution-II: The new mood in the Churches. **The Christian Century**, p. 1439, 24 nov. 1965, *apud* BONINO, J. M. *Op. cit.*, p. 142.

¹⁰ HOLLENWEGER, Walter J. De Azusa Street ao fenômeno de Toronto: raízes históricas do movimento pentecostal. **Concilium**, 3 (265): 265-90, 1996, *apud* BITTENCOURT FILHO, José. *Op. cit.*, p. 115. Ver também KÄRKKÄINEN, Veli-Matti. Toward a pneumatological theology of religions: A Pentecostal-Charismatic inquiry. **International Review of Mission**, 91 (361): 187-198, abr 2002.

seu compromisso ecumênico. “A afirmação da liberdade como o problema missiológico fundamental e a visão do Reino como estrutura e objetivo da missão cristã devem permitir a essas Igrejas novas possibilidades de afirmar sua vocação e fidelidade”,¹¹ observou Emílio Castro.

Embalados pela força do colonialismo do Império Britânico, com a forte tradição intelectual, cultural e de relações internacionais que têm desde as missões celtas, os escoceses se dispuseram a reunir 1200 participantes, com representantes das colônias britânicas na Ásia, e promover a Conferência que estabeleceu o novo marco para a unidade do anúncio do Evangelho, ao lado da caminhada ecumênica conjunta. Para a época, um grande e ousado feito. O esforço não se limitou à Conferência inicial, mas concentrou-se na criação do Conselho Internacional de Missão e desdobrou-se na criação de um modelo de conferências em contextos culturais distintos, a cada década, como se vê a seguir:

Conferência Mundial de Missão - Edimburgo 1910

Fez surgir o Conselho Internacional da Missão em 1921 e nas 13 conferências, realizadas nos cinco continentes, incluída a celebrativa do centenário:

Jerusalém, Palestina, 1928;

Tambaram, Índia, 1938;

Whitby, Canadá, 1947;

Willingen, Alemanha, 1952;

Achimota, Gana, 1958;

Nova Delhi, Índia, 1961;

Cidade do México, México, 1963;

Bangcoc, Tailândia, 1972-73;

Meulbourne, Austrália, 1980;

San Antonio, EUA, 1989;

Salvador/Bahia, Brasil, 1996;

Atenas, Grécia, 2005;

e Edimburgo 2010, celebrativa do centenário.

¹¹ CASTRO, Emílio. *Op. cit.*, p. 33.

É importante ressaltar a tradição liberal da Conferência de Edimburgo (1910), que inclui Igrejas que enviam seus representantes, ao mesmo tempo em que mantêm uma compreensão eclesiológica autoafirmativa e excludente, criando um ambiente respeitoso e de aprendizados mútuos. Esse modelo das grandes conferências é o que dá base para o diálogo de culturas, que garante a riqueza dos encontros internacionais responsável pelo sucesso dos 62 anos de vida do Conselho Mundial de Igrejas.

A Conferência Mundial de Missão (Edimburgo 1910) criou um modelo de busca de comunhão e missão, com traços tipicamente protestantes: aberto à participação, com verdadeira disposição de troca de experiências, com espaço para o confessional e o ecumênico, e criando bases para superação de preconceitos e diferenças, a partir da fé comum em Jesus Cristo. Por isso, foi logo seguida pelo Congresso Missionário Latino-Americano, realizado na cidade do Panamá, Panamá (1916), que estruturou a presença e atuação dos missionários de Igrejas evangélicas de traço evangelical na América do Sul.

Do mesmo modo, essa conferência colocou as bases que possibilitaram o nascimento do Conselho Internacional da Missão, criado em 1921, após o fim da Primeira Guerra Mundial, e sob o impacto dos seus mais de 20 milhões de mortos. Essas conquistas foram fundamentais e decisivas para a criação do Conselho Mundial de Igrejas, impelindo à criação da Organização das Nações Unidas, após o fim da Segunda Guerra Mundial, e à reflexão, por parte de lideranças políticas, religiosas e dos diferentes povos, sobre seus mais de 50 milhões de mortos. Os impactos das duas guerras mundiais em menos de meio século interpelam a consciência cristã, fato visível na temática debatida, sobretudo porque países tidos como de cultura cristã compunham as partes litigantes.

Assembleias do Conselho Mundial de Igrejas

1ª Assembleia, Amsterdã, Holanda, 1948

Tema: A desordem humana e os desígnios de Deus;

2ª Assembleia, Evanston, Illinois, EUA, 1954

Tema: Cristo - A Esperança do Mundo;

3ª Assembleia, Nova Deli, Índia, 1961

Tema: Jesus Cristo - A Luz do Mundo;

4ª Assembleia, Upsala, Suécia, 1968

Tema: Eis que faço novas todas as coisas;

5ª Assembleia, Nairobi, Quênia, 1975

Tema: Jesus Cristo Liberta e Une;

6ª Assembleia, Vancouver, British Columbia, Canadá, 1983

Tema: Jesus Cristo - A Vida do Mundo;

7ª Assembleia, Camberra, Austrália, 1991

Tema: Vem Espírito Santo - Renova toda a Criação;

8ª Assembleia, Harare, Zimbabwe, 1998

Tema: Voltem-se para Deus - Rejubilem-se na Esperança;

9ª Assembleia, Porto Alegre, Brasil, 2006

Tema: Deus, em tua graça, transforma o mundo

Esse cenário projeta as igrejas cristãs europeias tradicionais para um ambiente de diálogo com a modernidade, com interlocução crescente com setores das sociedades, especialmente nos países de tradição protestante já mencionados. As polarizações com perspectivas conservadoras se dão em países mais tradicionais do centro europeu, as relações de Igrejas com o nazismo e a resistência de grupos cristãos, geram tensões que testam os limites ecumênicos. E nos países socialistas durante a época da Guerra Fria e nas denominações evangélicas norte-americanas mais conservadoras, ainda se vivia a luta contra o racismo e pelos direitos civis, e um quase completo predomínio no mundo latino-americano. A reflexão bíblico-teológica e toda aplicação prática dela decorrente não se transformava em orientação pastoral em consonância com aquele tempo.

3 O Concílio Vaticano II, seus impactos no continente e a reflexão evangélica

Na segunda metade do século XX, o papa João XXIII convocou o Concílio que abriu a Igreja Católica ao diálogo com a modernidade, com alterações em diversas áreas da vida eclesial, especialmente as que resgatam as bases para estabelecer relações ecumênicas com as demais Igrejas cristãs. Esse fato ganha repercussão positiva: estabelecem-se frentes

ecumênicas de cooperação teológica, pastoral e acadêmica, fazendo surgir um rico período de diálogo e troca de experiências, com a participação de teólogos em Comissões Teológicas Conjuntas, em consultas sobre temas teológicos propostos pelo Conselho Mundial de Igrejas (CMI) e sobretudo com a abertura de frentes, especialmente em regiões como a América Latina.

Do lado evangélico e protestante, surgiram organismos como conferências regionais, aprofundando temáticas próprias de cada região com participação ecumênica em Comissões Teológicas Mistas e diretorias de organismos como a Comissão Pastoral da Terra (CPT), o Conselho Indigenista Missionário (Cimi), especialmente no modelo presente na estrutura ecumênica dos conselhos continentais, como o Conselho Latino-Americano de Igrejas (CLAI). Essas estruturas foram propostas de atuação ecumênica frente à gravidade das situações enfrentadas no continente, especialmente durante as ditaduras militares, quando sistemas democráticos de governo sofreram abalos que afetaram tão profundamente a cidadania, a ponto de exigir intervenções conjuntas. Um fato que ilustra a gravidade da situação foi a morte sob tortura do jornalista Vladimir Herzog, numa cela do Doi-Codi em São Paulo. À época, o jovem rabino Henry Sobel, recém-chegado ao Brasil, pediu a participação do cardeal D. Paulo Evaristo Arns e do pastor presbiteriano James Wright nos ritos funerários. O ato se tornou um gesto de testemunho ecumênico diante da violência arbitrária do regime militar.¹²

Por outro lado, diante do arbítrio resultante do regime de exceção □ o conflito agrário com o latifúndio, com a morte de líderes sindicais, advogados de posseiros e religiosos ligados aos movimentos de luta pela terra, a repressão aos movimentos operários e estudantis e a intervenção contra a luta armada □, a solidariedade logo se transformou em ajuda ecumênica. A participação de setores da sociedade brasileira e das Igrejas nesse período colaborou para que teólogos se organizassem em movimentos pastorais e cursos de formação ecumênica, dando forte impulso à Teologia da Libertação. Ao elaborar o conceito de amor preferencial de Deus pelos pobres, esses conceitos se fundiram num teólogo

¹² “O cristianismo da libertação não é só católico: [...] ele tem também um ramo protestante significativo que se desenvolveu paralelamente, nas décadas de 60 e 70, e que é muitas vezes associado, em suas várias formas, a seu congêneres católico. Suas raízes podem ser encontradas na cultura religiosa das chamadas denominações protestantes ‘históricas’, tais como os luteranos, presbiterianos, metodistas, unitaristas. [...] Tem, também um espírito claramente ecumênico, que não só esquece da briga tradicional dos protestantes com a Igreja Romana, mas também compartilha iniciativas teológicas e pastorais com católicos progressistas” (LÖWY, Michael. **A guerra dos deuses: religião e política na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 176).

bíblico autêntico, latino-americano e tipicamente ecumênico, razão pela qual se enraizou em comunidades cristãs em todo o continente. Para a Igreja Católica, esse fato propiciou grande desenvolvimento com o posicionamento das Conferências Episcopais Latino-Americanas.

Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM)

Conferência de Medellín, Colômbia, 1968

Conferência de Puebla, México, 1979

Conferência de Santo Domingo, República Dominicana, 1992

Conferência de Aparecida, Brasil, 2007

A ênfase dos cristãos evangélicos no mesmo período recaiu sobre um testemunho que não negligenciava o movimento cristão pela justiça, ao mesmo tempo em que mantinha o postulado da conversão pessoal e propunha uma reflexão teológica sobre diversas áreas da realidade, cujas principais variações eram terminológicas, falando de responsabilidade social e missão.

Congressos Internacionais para a Evangelização Mundial

Lausanne I, Lausanne, Suíça, 1974

Lausanne II, Manila, Filipinas, 1989

Lausanne III, Cidade do Cabo, África do Sul, 2010

4 Conceituação e história

Com esse pano de fundo histórico das Igrejas, suas lutas durante os últimos séculos e sua chegada ao continente latino-americano – via colonização, imigração e trabalho missionário –, é possível elaborar as noções de confessionalidade, missão e ecumenismo. Tais noções, embora presentes na origem dos movimentos que as trouxeram para cá, tornaram-se antagônicas em nosso continente por causa da forte associação da Igreja Católica com a colonização ibérica – considerando a presença huguenote desde os

primórdios, as Igrejas que resultaram da presença de imigrantes, como luteranos e anglicanos, ainda no primeiro quartel do século XIX, e o trabalho das missões evangélicas norte-americanas a partir da metade do século XX.

A presença católica ibérica, afirmativa de um modelo de sociedade religiosa de traço europeu, entrou em confronto com a presença evangélica após a chegada da Corte portuguesa em 1808. Os anglicanos trouxeram a marca do liberalismo econômico britânico, que se fez notar nos serviços religiosos não oficiais, na abertura dos portos às nações amigas e na luta jurídica contra a escravatura; os luteranos foram enviados a colônias especialmente nos Estados do Sul; os missionários, chegados a partir de 1885, visitaram as casas, ocuparam as praças, criaram a classe dos chamados homens livres e pobres – que não eram nobres e nem escravos – vindo logo a ocupar espaços públicos, especialmente na educação. No entanto, a existência simultânea de linhas divergentes de compreensão e atuação, com uma presença ostensiva que gerava antagonismos, deu origem a tensões que dificultaram o mútuo entendimento e retardaram os frutos do trabalho conjunto, como o que existe hoje em ambientes acadêmicos teológicos e em escolas confessionais, e a reflexão com cientistas da religião, incluindo o espaço universitário público.

Das rupturas com os modelos medievais e hegemônicos dos reinos e impérios europeus, passando pelo colonialismo e pelo diálogo com as culturas asiáticas sobre temas ligados às questões sociais, culturais e econômicas do último século, a Conferência Edimburgo 1910 – sob a influência do protestantismo liberal britânico – inaugurou o movimento ecumênico moderno, com abertura às diferenças entre as tradições cristãs e com a disposição de se aproximar – que possibilita conhecer e se reconhecer na proposta do outro grupo – e mesmo de perceber o valor da identidade conjunta, ao lado das ênfases de cada Igreja, cultura e expressão socioeconômica.

As Igrejas cristãs têm sofrido mudanças ao longo dos séculos, algumas até mesmo visíveis nos últimos anos, como a atitude de substituir o diálogo pela polêmica, decidindo consertar declarações que sempre foram assimiladas e, de um momento a outro, passaram a ser confrontadas; ou quando se dispuseram a somar esforços quando antes viviam em permanente confronto, e a se consultarem e participarem juntas de encontros, conferências e assembleias, quando antes as maiores perseguiam as menores ou as regionais. Isso mostra certa capacidade de alterar hábitos e vencer preconceitos históricos.

5 A compreensão ecumênica que chega à atualidade

Para a compreensão teológica cristã clássica, um concílio ecumênico é aquele que tem a participação de Igrejas do mundo inteiro. Apesar disso, o termo ecumênico não tem uso apenas religioso, servindo para a política, a economia e a cultura. A palavra vem de *oikos* (em grego, *lugar*), relacionado ao qual está a palavra *oikia* para falar de espaço de vida familiar, fruto de uma atividade de construção e administração.

No contexto europeu, especialmente nos países do Mar Mediterrâneo, a palavra *Oikoumene* passou a significar *o mundo habitado* e se tornou mais frequente na literatura grega a partir do séc. IV a. C., quando os helenos se encontraram com outros povos, culturas e nações naquele espaço geográfico. Com a dominação romana nos países em torno do Mar Mediterrâneo, surgem os conceitos de helênico, para designar os povos que tiveram forte influência da cultura grega, e bárbaro, para descrever pessoas ou grupos humanos que vinham de povos e regiões cuja distinção da influência cultural não era clara ou era indefinida.

Quando o Império Romano impôs seu poder sobre as terras que circundavam o Mar Mediterrâneo, que os soldados chamavam *Mare Nostrum*, o termo *oikoumene* adquiriu uma dimensão política que complementa a cultural. O ecumênico tem a ver com dimensões da vida como o espaço onde se vive, onde se dá nossa relação com a natureza, onde se tem consciência do mundo; com a geografia, que dá elementos para dimensionar o mundo, especialmente para seus povos; com a cultura, o conjunto de elementos específicos de cada povo através do qual as pessoas se relacionam com a realidade para transformá-la e humanizá-la, incluindo as distinções da cultura de um grupo em relação à de outros grupos, apontando para a dimensão política, com a totalidade das experiências humanas em sua diversidade e a complexidade no exercício do poder na sociedade.

Enquanto havia apenas uma expressão de fé da religião cristã, com a autoridade religiosa e a secular definidas, com claro fluxo de influências para a matriz religiosa aceita, não havia conflitos. Mas a situação que resultava desse modelo da Pax Romana começou a gerar conflitos. As ações afirmativas do poder central passaram a ser repressivas, logo divergências circunstanciais se tornaram intransponíveis. Nessa situação, o termo *oikoumene* não designava mais um ambiente religioso sem conflitos. Com o agravamento

dos conflitos, que se arrastaram na Idade Média por mais de um século e meio de horror, a repressão continuada se transformou em guerras religiosas.

Após algum tempo, começou-se a falar de acordos e de verdadeira paz. Aqui se destaca a atuação de Georg Wilhelm Leibniz, filósofo, matemático e humanista cristão que, escandalizado com o contratestemunho dessas guerras em que cristãos – para defender sua versão do cristianismo – estavam, na verdade, sendo infiéis ao Senhor, chegou a propor uma Igreja Universal, que desse lugar em seu seio às diferentes expressões de vida e de fé cristã. Leibniz chegou a manter correspondências com Bossuet, bispo de Meaux e tutor do herdeiro da Coroa da França. Através dessa correspondência, a palavra "ecumênico" adquiriu conotação religiosa, confirmando a tradição de universalidade do cristianismo, da fé e da Igreja.

O teólogo metodista uruguaio Júlio de Santa Ana observa que “as divisões que perduram até hoje entre as Igrejas são as que se concretizaram entre os séculos XI e XVI. Quando as Igrejas se lançaram à evangelização dos povos que estavam fora das fronteiras europeias e do Oriente Médio, elas já conheciam a dor e a tragédia de estarem divididas”.¹³ Não é possível voltar no tempo e refazer a trajetória histórica, mas é possível indagar que caminhos queremos para nosso presente. Ademais, as razões da divisão não se devem à prática ecumênica dos cristãos e das comunidades de fé, mas a decisões de cúpulas, quase sempre sem relação direta com o bem-estar das comunidades de fé e quase sempre associadas a afirmações pessoais.

Karl Barth, o teólogo protestante que mais marcou o século XX, afirmou que “não existe nenhuma justificação, nem teológica, nem espiritual, nem bíblica, para a existência de uma pluralidade de Igrejas genuinamente separadas nesse caminho e que se excluem mutuamente umas às outras interna e, portanto, externamente. Nesse sentido, uma pluralidade de Igrejas significa uma pluralidade de deuses. Não há dúvida de que, enquanto a cristandade for formada por Igrejas diferentes que se opõem mutuamente, ela nega praticamente o que confessa teologicamente: a unidade e a singularidade de Deus, de Jesus Cristo, do Espírito Santo. Pode haver boas razões para existirem essas divisões. Pode haver sérios obstáculos para que elas sejam eliminadas. Pode haver muitos motivos para explicar

¹³ SANTA ANA, J. **Ecumenismo e libertação**. Trad. Jaime A. Clasen. Petrópolis, Vozes, 1987,p.7.

essas divisões e para mitigá-las. Mas tudo isso não altera o fato de que toda divisão, como tal, é um profundo enigma, um escândalo".¹⁴

6 Projetos ecumênicos mundiais

a) Projeto da Igreja Católica Apostólica Romana Tem como base o papa como Vigário de Cristo, sucessor apostólico de Pedro, visto como líder da cristandade e em torno do qual se juntam as Igrejas cristãs. É um projeto autoafirmativo □ supõe apenas a aderência subalterna, exigindo submissão pastoral das demais Igrejas, incluídas as orientais, e hegemonia assimétrica □ que não conquista solidariedade.¹⁵

b) Projeto das famílias confessionais - É o que resulta da reflexão teológica sobre a identidade confessional das várias tradições cristãs do mundo ocidental e das Igrejas Ortodoxas. A Igreja Católica Romana foi convidada, mas aceitou apenas integrar comissões. Quando a pluralidade de identidades confessionais passou a ser um desafio para quem queria mantê-las, começou-se a falar em *diversidade reconciliada*. Isso significa afirmar a comunhão visível sem negar a afirmação confessional de cada uma.

Quando a pregação da mensagem leva ao desenraizamento cultural dos que aceitam o chamado de Deus em Jesus Cristo, algo não está bem. Além disso, há a necessidade de respeitar a diversidade nacional e cultural das comunidades nas quais se constrói o corpo de Cristo. Esse projeto é expressão de aproximação fraterna de caráter interconfessional, aceitando o *status quo* na vida das Igrejas. Mas não produz uma unidade que responda às expectativas dos povos.

O esforço de construir um movimento de unidade interconfessional resultou, no caso luterano, na Federação Luterana Mundial. Os que se agrupam nessa compreensão consideram que, ao cumprirem sua missão de transmitir o Evangelho a povos de outras terras e culturas, as Igrejas de determinada confissão não contribuíram apenas com algo fundamental para a salvação e o crescimento humano, mas assimilaram elementos dessas comunidades que enriqueceram a vida do corpo de Cristo. A realidade da Igreja se

¹⁴ BARTH, K. **Church dogmatics**. New York: T&T Clark, [s.d.] v. IV/1, p. 675.

¹⁵ *Ibidem*.

concretiza em nível de comunidade. Assim cultivam sua teologia a partir da expressão que ela adquire em diversas culturas.

c) Projeto de comunidade conciliar de Igrejas locais - Essa é a proposta da comunhão de Igrejas que confessam a Jesus Cristo e se encontram no diálogo universal de culturas, espaço em que procuram responder à sua vocação comum. É a linha assumida pelo Conselho Mundial de Igrejas (CMI). É um espaço cooperativo, em que as Igrejas se relacionam entre si, participando juntas da reflexão e da celebração da fé. Essa comunidade conciliar se entende como um instrumento a serviço da fé cristã, que cria espaços para o diálogo e procura formas de cooperação prática. Não é uma superigreja nem tem jurisdição sobre qualquer de suas Igrejas-membro.

O conceito de *comunidade conciliar de Igrejas locais* é assim expresso: "A Igreja é única e deve ser concebida como uma unidade conciliar de Igrejas locais que estão verdadeiramente unidas. Nessa unidade conciliar, cada Igreja local possui, em comunhão com outras, a plenitude da catolicidade; dá testemunho da mesma fé apostólica e, por conseguinte, reconhece que as outras Igrejas pertencem à mesma Igreja de Cristo e são guiadas pelo mesmo Espírito" (Nova Delhi, Índia, 1961). A comunidade concreta é que se compromete em ações para dar testemunho do Reino.

Segundo Rudolf Von Sinner, o debate eclesiológico no Conselho Mundial de Igrejas tem crescido porque é inegável que ele tem um "caráter eclesial", ainda que vago, apesar do CMI ter-se negado, desde seus primórdios, a se considerar uma Igreja, muito menos a Igreja. As Igrejas-membro do CMI não são obrigadas a renunciar à sua própria concepção de Igreja ou reduzi-la; o CMI, por sua vez, "não pode nem deve basear-se sobre qualquer concepção particular da Igreja".

A Igreja Católica encontrou, na reformulação de sua eclesiologia, durante o Concílio Vaticano II, a possibilidade de reconhecer "elementos ou bens que (...) constituem e vivificam a Igreja" e que "podem existir fora das fronteiras visíveis da Igreja Católica".¹⁶ Por isso admite que as Igrejas locais possuam, em comunhão com outras Igrejas-membro, a plenitude da catolicidade.

¹⁶ Unitatis Redintegratio (UR) n° 3, *apud* BIZON, José; DARIVA, Noemi; DRUBI, Rodrigo (Orgs.). **Ecumenismo**. 40 anos do Decreto Unitatis Redintegratio 1964-2004. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 68.

Em relação às Igrejas Ortodoxas, esses “elementos” são mais evidentes, pois “embora separadas... conservam os sacramentos, especialmente, por causa da sucessão apostólica, o sacerdócio e a eucaristia, mais uma razão para uma estreita união conosco”. Quanto às outras “Igrejas e denominações separadas”, existem “grandes diferenças... sobretudo, no que diz respeito à interpretação da verdade revelada”.¹⁷ Portanto, adotou-se a terminologia de “comunidades eclesiais”, principalmente pela falta do sacramento da ordem e por não terem “conservado integralmente a substância do mistério eucarístico”. Contudo, o Concílio expressou alegria pelo fato dos *fratres seiuncti*, os “irmãos separados”, se voltarem “para Cristo como fonte e centro da comunhão eclesial”, fazendo referência clara, embora não explícita, à chamada “base” do CMI.

O documento *Para uma compreensão e uma visão comuns do Conselho Mundial de Igrejas* afirma que “a essência do Conselho é a relação mútua das Igrejas. O Conselho é a comunidade de Igrejas rumo à plena *koinonia*”.¹⁸ Assim, pretendia-se lembrar a responsabilidade de cada Igreja-membro pelo Conselho e, portanto, pela *koinonia* com as demais. O CMI existe através da comunhão de suas Igrejas-membro, não fora dela. “É uma comunhão de Igrejas que aceitam nosso Senhor Jesus Cristo como Deus e Salvador, segundo as Escrituras, e que, portanto, se empenham em responder conjuntamente à sua vocação comum, para a glória do Deus único, Pai, Filho e Espírito Santo”.¹⁹

É importante destacar o fato de o CMI compreender-se como “comunhão” (*fellowship*) e não apenas como simples associação de Igrejas. Agora são 349 em mais de 100 países em todos os continentes de virtualmente todas as tradições cristãs, representando cerca de 560 milhões de cristãos e cristãs das Igrejas Ortodoxa, Anglicana, Batista, Luterana, Metodista, Reformadas, unidas e independentes do mundo. Embora a maior parte das Igrejas fundadoras do CMI sejam europeias e norte-americanas, hoje a maioria das Igrejas-membro estão na África, Ásia, Caribe, América Latina, Oriente Médio e no Pacífico.

A maior instância de governo é a assembleia, que se encontra a cada sete anos aproximadamente. A próxima será a 10ª Assembleia, em Busan, na República da Coreia, em 2013. O CMI foi criado em 1948 na cidade de Amsterdã, Holanda. Sua Secretaria-Geral

¹⁷ Ver www.vatican.va/.../rc_pc_chrstuni_doc_20041111_kasper-ecumenism_po.html. Acesso: 06/10/2010.

¹⁸ Cf. <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/viewFile/1751/1284> Acesso: 06/10/2010.

¹⁹ *Ibidem*.

está em Genebra e o atual Secretário-Geral é o Pastor Dr. Olav Fykse Tveit, da Igreja Luterana da Noruega.

7 Tipologia do Ecumenismo

Seguindo Rudolf Von Sinner,²⁰ discriminamos a seguir quatro tipos fundamentais de Igrejas, lembrando que toda tipologia representa a simplificação de um quadro altamente complexo:

a) O tipo sacramental: É aquele que atribui à Igreja uma natureza ontológica, associando ou até identificando a Igreja crida, espiritual, com a Igreja visível e institucional, que mantém a continuidade com os apóstolos pela sucessão episcopal e que não apenas oferece os sacramentos celebrados por seus sacerdotes, mas é ela mesma sacramento da presença de Deus no mundo.

b) O tipo reformatório: É o que entende que a Igreja constituída por Cristo se torna visível na comunhão dos fiéis pela pregação da Palavra de Deus e pela administração dos sacramentos (batismo e eucaristia), segundo o Evangelho, sendo essas as suas *marcas*. A Igreja invisível contém os fiéis ou os eleitos, não coincidindo esse grupo com o que integra a Igreja visível, institucional. Pode, na concepção de Calvino, haver crentes fora da Igreja institucional, e não crentes dentro dela. A Igreja é um *corpus permixtum* (corpo misturado). As pessoas pertencem a ela, principalmente, por nascimento em determinado território (*cuius regio, eius religio*).

c) O tipo conversionista: É o caso das Igrejas oriundas da Reforma do século XVI, porém sem apoio do Estado e que foram, não raras vezes – como os chamados anabatistas – combatidas pelas Igrejas Reformadas estabelecidas. Dão maior peso à fé do indivíduo, como também acontece nos movimentos pietista e puritano em Igrejas do tipo reformatório, e se constituem, em princípio, por conversão pessoal e adesão consciente. Em geral, exigem uma prática visivelmente cristã, o que costuma ser cobrado pela comunidade. Vive-se a Igreja, em primeiro lugar, na comunidade local e de forma congregacionalista.

²⁰ SINNER, Rudolf von. **Confiança e convivência:** reflexões éticas e ecumênicas. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

d) O tipo carismático: Essa designação descreve as Igrejas pentecostais, bem como as Igrejas chamadas “independentes”, no sentido de autóctones, da África. É um tipo muito diversificado, sem doutrina unificada, que cresce e se transforma muito rapidamente. Por isso mesmo, é visto com suspeita pelos outros tipos eclesiológicos. Nesse tipo, destacam-se os dons do Espírito como o falar em línguas, a profecia e as revelações divinas recebidas por seus líderes, fenômenos que também existem em Igrejas dos outros tipos eclesiológicos, inclusive os movimentos carismáticos. Mesmo que várias Igrejas desse tipo eclesiológico façam parte de iniciativas em comum com outras Igrejas, a grande maioria fica fora do movimento ecumênico, achando-o inútil ou combatendo-o abertamente como desvio da fé, inclusive ao identificarem a participação da Igreja Católica Romana. Recentemente tem-se iniciado lenta aproximação do CMI com Igrejas pentecostais nórdicas.

Na conferência Edinburgh 2010, realizada de 2 a 6 de junho, em Pollock Hall, o *campus* da Universidade de Edimburgo, foi celebrada a Conferência Mundial de Missão (*World Missionary Conference 1910*). A postura escocesa já era avançada em relação à perspectiva comum europeia, com traços pré-modernos, em certa disputa com a modernidade norte-americana e com algum desdém pelas novas nações e o significado econômico de sua presença. Por isso, reaparecem temas como as expressões autóctones de fé e mesmo o diálogo da fé cristã com culturas do Oriente e dos países do hemisfério sul. Ao considerarem as diversas mudanças ocorridas nos últimos cem anos, logo se descobre que a missão deve ser pensada a partir de novos temas como a secularização, a descristianização, os novos meios de comunicação, as relações interconfessionais e o diálogo inter-religioso e intercultural.

A vontade de Deus de que a vida na comunidade eclesial fosse unidade, concretizada a partir da morte de Jesus Cristo, não é para um povo exclusivamente seu, mas para que as nações fossem chamadas a ser "um só rebanho e um só pastor" (Jo 10.16). As Igrejas são chamadas a cumprir a missão dada pelo Pai ao Filho, a proclamar o Evangelho a todos os povos, a fim de que todo o mundo habitado (*oikoumene*) creia (Jo 17).

Por isso, “cada religião, ao mesmo tempo em que acredita em sua especificidade e singularidade, pode aceitar – e aceita de fato – a legitimidade de outras religiões como

facilitadoras do encontro divino-humano”.²¹

Como observou Amaladoss, a urgência de aprender a viver juntos em comunidade humana deve ser construída a partir de seis passos: 1. As pessoas devem dar-se conta de que estão destinadas a viver conjuntamente; 2. Os componentes dos grupos devem perceber sua interdependência mútua; 3. Devem reconhecer e aceitar as diferenças internas de todo tipo; 4. Devem assegurar as liberdades básicas e a igualdade; 5. Devem fazer esforços criativos de colaboração nos níveis econômico, social e político; e 6. Devem criar estruturas institucionais para solução de conflitos e reconciliação. É preciso evitar que as religiões sejam usadas nos jogos de poder de grupos, que transformam as pessoas em piões de líderes mafiosos, sob o engano da satisfação de terem defendido a honra da religião ou do grupo étnico.²²

Essa compreensão chama a atenção para a importância da cultura, que se deve ao fato de ela ser “uma rede de símbolos como a linguagem, que medeia o mundo para nós e nos capacita, por sua vez, a nos abirmos para ele. Dá-nos, igualmente, as ferramentas para mudar o mundo ao ponto em que pudermos, em colaboração com outros”.²³

Para esse teólogo que atua na Ásia e é uma referência em ecumenismo e diálogo inter-religioso, “a harmonia completa emerge quando temos um contraponto de muitas melodias, entrecruzando-se, desafiando e respondendo umas às outras, fundindo-se mutuamente. É um jogo mútuo de muitas melodias, cada uma tendo uma identidade separada própria”.²⁴

Referências

AMALADOSS, Michael. **Promover harmonia**. Trad. Nélio Schneider. São Leopoldo: Unisinos, 2006.

Confissão de Augsburg. <http://www.dw-world.de/dw/article/0,,582816,00.html> Acesso: 07/09/2010.

²¹ AMALADOSS, Michael. **Promover harmonia**. Trad. Nélio Schneider. São Leopoldo: Unisinos, 2006, p. 180.

²² *Ibidem*.

²³ *Ibidem*, p. 209.

²⁴ *Ibidem*, p. 211.

BARTH, Karl. *Church Dogmatics*. New York: T&T Clark, [s.d.] v. IV/1, p. 675.

BITTENCOURT FILHO, José. **Matriz religiosa brasileira**: religiosidade e mudança social. Petrópolis: Vozes: Rio de Janeiro, 2003.

BIZON, José; DARIVA, Noemi; DRUBI, Rodrigo (Orgs.). **Ecumenismo**. 40 anos do Decreto Unitatis Redintegratio 1964-2004. São Paulo: Paulinas, 2004.

BONINO, José Míguez. **Rostos do protestantismo latino-americano**. Trad. Luís Marcos Sander. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

CASTRO, Emílio. **Servos livres**: missão e unidade na perspectiva do Reino. Trad. Maria Celina Hahn. Rio de Janeiro: CEDI, 1986.

DUCQUOC, Christian. **L'Unique Christ**. La symphonie différée. Paris: Cerf, 2002.

LÖWY, Michael. **A guerra dos deuses**: religião e política na América Latina. Petrópolis: Vozes, 2000.

MONTEIRO, R. B. As Reformas Religiosas na Europa Moderna.
<http://www.scielo.br/pdf/vh/v23n37/v23n37a08.pdf> Acesso: 07/09/2010.

Revistas Eletrônicas PUCRS.
<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/viewFile/1751/1284> Acesso: 06/10/2010.

SANTA ANA, Julio de. **Ecumenismo e libertação**. Trad. Jaime A. Clasen. Petrópolis, Vozes, 1987.

SINNER, Rudolf von. **Confiança e convivência**: reflexões éticas e ecumênicas. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

Vaticano.www.vatican.va/.../rc_pc_chrstuni_doc_20041111_kasper-ecumenism_po.html.
Acesso: 06/10/2010.

Anexo 1

Edimburgo 2010: Um chamado comum (Documento final)

“Reunidos por ocasião do centenário da Conferência Internacional Missionária de Edimburgo 1910, cremos que a igreja, como sinal e símbolo do reinado de Deus, é chamada a testemunhar Cristo hoje, tomando parte na missão do Deus de amor, através do poder transformador do Espírito Santo.

1. Confiando no Deus triúno e com renovado sentido de urgência, somos chamados a encarnar e proclamar as boas novas da salvação, do perdão do pecado, da vida em abundância e da libertação em favor de todas as pessoas pobres e oprimidas. Somos desafiados ao testemunho e evangelização de tal maneira que nos tornemos uma demonstração do amor, da retidão e da justiça que Deus quer para o mundo inteiro.

2. Recordando o sacrifício de Cristo na cruz e sua ressurreição para a salvação do mundo, e empoderados pelo Espírito Santo, somos chamados a um diálogo autêntico, a um engajamento respeitoso e a um humilde testemunho entre as pessoas de outras crenças – e aquelas sem crença – do caráter único de Cristo. Nossa abordagem é marcada por destemida confiança na mensagem do Evangelho: constrói amizade, busca reconciliação e pratica hospitalidade.

3. Conhecendo o Espírito Santo que sopra sobre o mundo como lhe apraz, reconectando a criação e trazendo vida autêntica, somos chamados a tornarmos-nos comunidades de compaixão e cura, em que jovens participam ativamente na missão, e mulheres e homens compartilham poder e responsabilidades de maneira justa, onde há um novo zelo por justiça, paz e proteção do meio-ambiente, e uma liturgia renovada refletindo as belezas do Criador e da criação.

4. Perturbados pelas assimetrias e desequilíbrios de poder que dividem e nos indignam na igreja e no mundo, somos chamados ao arrependimento, à reflexão crítica acerca dos sistemas de poder, e ao uso responsável de estruturas de poder. Somos chamados a encontrar meios práticos de viver como membros de Um Corpo, em plena consciência de que Deus resiste às pessoas orgulhosas, Cristo acolhe e empodera as pessoas pobres e aflitas, e que o poder do Santo Espírito se manifesta em nossa vulnerabilidade.

5. Afirmando a importância dos fundamentos bíblicos de nosso engajamento missionário e valorizando o testemunho dos Apóstolos, santos e mártires, somos chamados a rejubilar com as expressões do Evangelho em muitas nações ao redor do mundo. Celebramos a renovação experimentada através dos movimentos de migração e missão em todas as direções, a forma pela qual todos são equipados para a missão pelos dons do Santo Espírito e a vocação contínua de Deus a crianças e jovens a levarem adiante o Evangelho.

6. Reconhecendo a necessidade de formar uma nova geração de líderes com autenticidade para a missão num mundo de diversidades no século 21, somos chamados

a trabalhar juntos em novas formas da educação teológica. Porque somos todos feitos à imagem de Deus, todas as pessoas terão proveito do carisma específico de cada qual. Poderão se desafiar mutuamente para crescerem na fé e no entendimento, compartilhando equitativamente recursos em abrangência global, envolvendo o ser humano por inteiro e toda a família de Deus, e respeitando a sabedoria de nossas pessoas idosas e simultaneamente fomentando a participação de crianças.

7. Ouvindo o chamado de Jesus a fazer discípulos de todas as pessoas – pobres, abastadas, marginalizadas, ignoradas, poderosas, pessoas com deficiência, jovens e idosos – somos chamados como comunidades de fé para a missão de todo e qualquer lugar para todo e qualquer lugar. Em alegria ouvimos o chamado de acolhermo-nos uns aos outros pelo nosso testemunho em palavra e ação, nas ruas, campos, escritórios, lares e escolas, oferecendo reconciliação, mostrando amor, demonstrando graça e falando a verdade.

8. Relembrando Cristo, o hospedeiro no banquete, e comprometidos com aquela unidade pela qual ele viveu e orou, somos chamados à cooperação continuada, a lidar com questões controvertidas e a trabalhar em favor de uma visão comum. Somos desafiados a acolhermo-nos mutuamente em nossa diversidade, a afirmarmos nossa membresia através do batismo no Corpo uno de Cristo, e reconhecermos nossa necessidade de compromisso mútuo, parceria, colaboração e estabelecimento de redes de missão, a fim de que o mundo possa crer.

9. Revivendo o caminho de Jesus de testemunho e serviço, cremos que somos chamados por Deus a seguir este caminho com alegria, inspirados, unguídos, enviados e empoderados pelo Espírito Santo, nutridos por disciplinas cristãs na comunidade. Na medida em que esperamos a vinda de Cristo em glória e juízo, experimentamos sua presença conosco na missão transformadora e reconciliadora do amor para com toda a criação”.

Anexo 2

O multilateralismo político e as novas formas de unidade. A perspectiva de Walter Altmann, Moderador do Conselho Mundial de Igrejas

O teólogo luterano Walter Altmann, ao analisar o evento, afirmou que “ainda há muito por fazer para que todas as tensões e divergências na família cristã sejam superadas, a aceitação e o respeito mútuo sejam mais plenos e a cooperação na missão mais eficaz, o diálogo mais profundo”, na esperança de que “o anelo de encontro, diálogo, respeito, cooperação na missão e unidade na fé, exercitados em Edimburgo 2010 por parte de representantes da cristandade mundial, haverão de perdurar, de se aprofundar e dar novos frutos”.

O presidente da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil refletiu sobre os ousados sonhos dos “1200 delegados da Conferência Internacional Missionária de Edimburgo 1910, muitos, após viagem de meses de barco”, ponderando que talvez nunca tivessem imaginado que essa conferência celebrativa, um século depois, “realizada no mesmo auditório de então, fosse iniciada e encerrada por um coro composto por três comunidades cristãs africanas da própria Edimburgo. Com seus trajes coloridos, o coral cantou e bailou os ritmos de suas pátrias-mãe e fez com que os 250 delegados e delegadas de todo o mundo, que atenderam a esta conferência (vindos desta vez de avião) se erguessem de seus confortáveis assentos, para jingarem também”, ponderou.

Ele observou ainda que o culto de encerramento da Conferência Edimburgo 2010 não foi apenas de memória histórica e nem de ufanismo pelo crescimento. “Entre uma performance e outra, desenrolou-se um culto em que se cantou muito, hinos clássicos bem conhecidos das respectivas tradições denominacionais e belos hinos contemporâneos de todos os continentes; ouviram-se testemunhos de pessoas aparentadas de delegados à conferência de 1910”. Destacou a vigorosa pregação “sobre Ezequiel 37 (o vale dos ossos secos) e João 4 (a mulher samaritana e Jesus), cena que foi reproduzida em tocante dança litúrgica por cinco indianas, também elas migrantes residentes na Grã-Bretanha”.

A conferência realizada há um século refletiu a perspectiva do hemisfério norte, das igrejas tipicamente masculinas e da América do Sul, Ásia e África na visão dos missionários europeus e americanos das igrejas protestantes e anglicanas que lá atuavam, nesta época em que o pentecostalismo estava surgindo. “Entre os delegados de 1910 havia bem poucas mulheres, nenhum latino-americano e quem veio da África e da Ásia foram, sobretudo, missionários europeus e norte-americanos atuantes nesses continentes. Todos provinham de igrejas protestantes e anglicanas. O pentecostalismo recém ensaiava seus

primeiros passos, ortodoxos e católicos ainda não estavam incorporados nesses incipientes esforços de unidade cristã”, enfatizou.

Altmann percebeu como a celebração de encerramento produz o amálgama de comunhão espiritual para os representantes das igrejas que estavam ali “para celebrar, para renovar compromissos, para descortinar novos caminhos de cooperação. Vieram porque aquela Conferência passou para a história como o nascedouro do movimento ecumênico contemporâneo. O anelo pela unidade e a paixão pela missão perduraram por estes 100 anos e o compromisso de se empenhar por elas, sob a condução do Espírito Santo, foi reafirmado no documento *Um chamado comum*, decidido na conferência e solenemente proferido por representantes de todos os continentes e de todos os ramos do cristianismo”, testemunhou.

Teólogo de formação, com carreira acadêmica, concluindo o segundo mandato como líder de sua igreja e eleito para moderar o conselho do maior organismo ecumênico da atualidade, Altmann tem clareza de que “ainda há muito por fazer para que todas as tensões e divergências na família cristã sejam superadas, a aceitação e o respeito mútuo sejam mais plenos e a cooperação na missão mais eficaz, o diálogo mais profundo”. Por isso, teve condições de avaliar esse evento ecumênico e concluir que “o anelo de encontro, diálogo, respeito, cooperação na missão e unidade na fé, exercitado em Edimburgo 2010 por parte de representantes da cristandade mundial haverá de perdurar, aprofundar-se e dar novos frutos”.